MOÇÃO Nº 16/15

O Bando de Teatro do Olodum completa, no ano de 2015, 25 anos de resistência, existência, luta e encenação. É um grupo teatral que foi criado vinculado ao bloco-afro, formado por atores negros em 1990. O elenco baiano do Bando de Teatro Olodum tem como proposta uma linguagem cênica contemporânea, comprometida com um teatro engajado, mas também atento à alegria do palco. Suas peças mesclam humor e discussão racial, leveza e ironia, diversão e militância. Além da palavra, os atores utilizam a dança e a música, referenciais rituais do Candomblé e se embriagam na fonte da cultura afro-brasileira. O Bando tem seu teatro enriquecido pela experiência dos diretores Márcio Meirelles e Chica Carelli, do coreógrafo Zebrinha e do diretor musical Jarbas Bittencourt, que dão base estética à linguagem do Grupo. O Bando de Teatro Olodum se desvinculou do bloco-afro, e passou a residir no Teatro Vila Velha e atualmente é formado por 20 artistas negros de diferentes gerações.

Em maio de 2000, o Bando teve seu trabalho reconhecido pelo Itamaraty, através do Ministério da Cultura, que escolheu o espetáculo "Cabaré da Raça" para ser apresentado diante de uma platéia formada por embaixadores e membros do corpo diplomático de 16 países africanos. O convite aconteceu por ser a companhia baiana – hoje com vinte anos de atuação nos palcos – uma autêntica representante a abordar, de forma contundente, o racismo no Brasil.

Em 1990, na sua peça inaugural Essa é a nossa praia, ganharam inspiração dramatúrgica, temas como o militante negro engajado na luta contra a discriminação, a ideologia do embranquecimento, o tráfico de drogas e a violência policial.

Em Onovomundo, segundo espetáculo do Bando, o grupo buscou uma aproximação maior com o Candomblé. Em Ó paí, ó! Retomou o ambiente plural do Pelourinho, desta vez debruçando-se sobre a realidade interna dos cortiços da área. Além do problema da moradia, a montagem abordou o trágico tema do extermínio de menores, denunciando a exclusão social.

Woyzeck foi o primeiro texto clássico da Companhia, inspirado na obra do dramaturgo alemão George Buchner, escrita no século XIX. Outro clássico veio na seqüência: a superprodução Medeamaterial, protagonizada pela atriz paulista Vera Holtz, convidada pelo diretor e com música composta especialmente para o espetáculo, por Heiner Goebbels.

Zumbi, de 1995, voltou-se de forma contundente para a realidade da periferia da metrópole, com suas favelas e invasões, em meio às celebrações pelos 300 anos de Imortalidade do líder quilombola Zumbi dos Palmares. Enquanto Xirê/Erê pra toda a vida estendeu essa indignação

social na primeira incursão do Bando por uma outra forma de expressão artística: a dança, num espetáculo que buscou referência no dramático episódio da Chacina da Calendária, ocorrido no Rio de Janeiro em 1993.

Cabaré da Rrrrrraça, o maior sucesso da história do grupo baiano, estreado em 1997 e em cartaz há 13 anos, buscou inspiração na Raça Brasil, periódico nacional lançado nos anos 90 como "a revista dos negros brasileiros". A identidade da raça em suas várias possibilidades de discussão formou a espinha dorsal da peça, uma combinação de passarela de desfile de moda com *talk-show* televisivo.

Em 2002, o Bando de Teatro Olodum se dedicou a uma pesquisa (acrescida de uma série de encontros com comunidades do Subúrbio) que serviu de material para o espetáculo Relato de uma guerra que (não) acabou. O pânico provocado na população de Salvador em julho de 2001, durante a greve das polícias civil e militar, e as conseqüências do episódio nas áreas mais pobres da cidade foram mostradas na peça, que reafirmou o compromisso social do grupo negro mais expressivo e de maior visibilidade do teatro baiano.

No ano seguinte, o Grupo realizou a montagem de Oxente, cordel de novo? em colaboração com a Companhia Teatro dos Novos, emprestando seu estilo próprio de representar à releitura dos textos de João Augusto, numa homenagem ao fundador do Teatro Vila Velha, casa da qual o Bando é um dos grupos residentes. Este espetáculo, que esteve em cartaz no Teatro Vila Velha, também foi apresentado em cidades do interior da Bahia.

Em 2004, o Bando estreou o espetáculo, O Muro, texto inédito da jovem dramaturga Cacilda Povoas, criado a partir da Oficina de dramaturgia realizado pelo Royal Court Theatre, no Teatro Vila Velha. Este texto foi selecionado para ser traduzido e lido em Londres, na mostra de nova dramaturgia brasileira.

No mês de julho do mesmo ano, o grupo integrou, junto com os outros grupos residentes do Teatro Vila Velha, o elenco da montagem Auto-retrato aos 40, em comemoração às quatro décadas de fundação do teatro.

Em 2006, para celebrar os 16 anos de teatro negro e popular, o Bando de Teatro Olodum comprovará a sua íntima sintonia com os temas universais explorados por Shakespeare em suas peças. O texto escolhido foi Sonho de Uma Noite de Verão, comédia escrita em 1595 e já montada pelo Grupo em 1999, juntamente com a Companhia Teatro dos Novos, outro grupo residente do Teatro Vila Velha. Na nova versão, maior enfoque nos referências culturais da Bahia, como a dança e a música, em seus diversos gêneros e estilos, incluindo ritmos afros e até o Arrocha. Tudo isso sem perder a fidelidade ao texto do dramaturgo inglês, com ênfase nos bem

elaborados versos, ressaltados pela tradução de Bárbara Heliodora, a mais respeitada pesquisadora de Shakespeare do Brasil.

O Bando iniciou o ano de 2007 remontando das peças de grande impacto do período inicial de formação do Grupo, Ó Pai ó. Em cena, a atmosfera boêmia do Pelourinho Antigo, antes da reforma, quando o Centro Histórico era habitado por músicos, artistas plásticos, prostitutas, travestis, baianas de acarajé, proprietários de pequenos bares, associações comunitárias, blocos afros, enfim, personagens reais que foram expulsas para dar espaço a um fictício shopping turístico a céu aberto. A montagem do Bando retrata um dia na vida desses diversos tipos que viviam no Centro Histórico. Um dia especial: uma Terça-feira de Benção, quando a movimentação na área era ampliada e também as alegrias e sofrimentos dos moradores de uma região estigmatizada e abandonada pelas autoridades. Ó Pai ó foi apresentada pela primeira vez em 1992, causando forte impacto na cidade. Autoridades políticas, a classe média e artistas renomados como Maria Bethânia, Caetano Veloso, Regina Casé, entre outros, ficaram impressionados com o talento e ousadia do Bando em representar as alegrias e tristezas de uma localidade marginalizada e pouco conhecida, porém que preservavam, no seu dia-a-dia, fortes elementos da identidade afro-baiana, como a musicalidade e o sentido de comunidade.

Em 2007, criou seu primeiro espetáculo infanto-juvenil, Áfricas, que traz à cena o continente africano, através da sua história, seu povo, seus mitos e religiosidade. A peça aborda o universo mítico africano em uma tentativa de suprir a escassez de referenciais africanos no imaginário infantil, povoado de fábulas e personagens eurocêntricos

Em 2010, estreou "Bença", que fala sobre o tempo, sobre os mais velhos, sobre ancestralidade. Esse trabalho é resultado da pesquisa realizado graças ao Projeto Manutenção do Bando, vencedor do Edital do programa Petrobras Cultural, manutenção de grupos e companhias de Teatro e Dança.

VIAGENS

O Bando de Teatro Olodum vem participando de diversos eventos representativos das artes cênicas no Brasil e no exterior.

Com o espetáculo Xirê/Erê pra toda a vida, o Bando fez sua primeira viagem ao exterior. Foi a Londres, onde fez seis apresentações como parte do LIFT, London International Festival of Theatre.

Representou o Brasil na Estação da Cena Lusófona (mostra internacional de teatro dos países de língua portuguesa), realizado em Coimbra.

À convite do Ministério da Cultura de Angola, o Bando levou o seu maior sucesso, Cabaré da Rrrrraça, para o solo africano, em comemoração a

Semana do Teatro. Realizando o intercâmbio e promovendo oficinas e debates, focando na experiência de trabalho do Grupo.

Em 2006, o Bando é agraciado com o projeto promovido pelo Ministério da Cultura intitulado Copa da Cultura com o objetivo de levar ainda no ano da Copa, artistas brasileiros para a terra alemã no Festpiele in Ludwigshafen. A peça escolhida para esse projeto foi "Sonho de uma Noite de Verão" de William Shakespeare. Uma remontagem dessa vez apenas com o Bando e cinco atores convidados em cena, contribuindo com esse espetáculo para afirmação e difusão da diversidade brasileira no exterior.

No Brasil, o Grupo participou de diversos eventos, como, por exemplo, no Festival de Inverno de Belo Horizonte e no Festival de Arte Negra, também na capital mineira. Marcou presença no Carlton Dance Festival (Rio e São Paulo).

Em 2003, participou do evento Arte da África-Teatro no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, com o espetáculo Cabaré da Rrrrrça.

Participou, também, em São Paulo, da Mostra Latino-americana de Teatro de Grupo realizada pela Cooperativa Paulista de Teatro, através da apresentação do espetáculo Cabaré da Rrrrraça e da realização de um Workshop sobre o seu método de trabalho, trocando experiências estéticas com grupos da Venezuela, Colômbia, Argentina, Chile, Sergipe, Minas Gerais, Rio Grande do Sul entre outros.

Participou também do Projeto de Circulação da Caixa, organizado pelo Centro Cultural da Caixa Econômica Federal, apresentando em Brasília, na Semana da Consciência Negra, os espetáculos Cabaré da Rrrrraça e Sonho de uma Noite de Verão.

O Bando encerrou a turnê no evento intitulado "25 Dias de Ativismo" em Vitória do Espírito Santo com Cabaré da Rrrrraça.

Ainda em 2006, o Bando, junto com a Cia dos Comuns do Rio de Janeiro, realiza em Salvador o II Fórum de Performance Negra, visando ampliar os debates na busca de estratégias que potencializem as ações de vários grupos brasileiros que, em sua diversidade refletem as inúmeras expressões das artes cênicas, focados nos rizomas da afro-descendência.

CINEMA

O Bando vem ampliando as suas atividades através da experimentação com outras linguagens artísticas como, por exemplo, o cinema.

Em 2006, a cineasta Monique Gardemberg transformou em filme a peça que faz parte da trilogia sobre o Pelô, Ó paí ó! O elenco do filme contou com os próprios atores do Bando incluindo Lázaro Ramos (que teve seu berço artístico no grupo) e convidados como Stênio Garcia, Wagner Moura

e Dira Paes. O elenco do Bando já havia trabalhado com a diretora no filme Jenipapo, de 1994.

A convite do cineasta Póla Ribeiro, o Bando participou, mais uma vez, de um longa metragem intitulado Jardim das Folhas Sagradas.

Objetivando registrar o processo criativo do fazer teatral do grupo, bem como a sua trajetória artística, o Bando lançou o livro "O Teatro do Bando: Negro, Baiano e Popular", integrando as comemorações da Semana da Consciência Negra, realizada pela Fundação Palmares, em Brasília, onde também apresentou Cabaré da RRRRRaça.

TELEVISÃO

O Bando de Teatro Olodum vive uma fase de amadurecimento e de novos desafios ao completar 20 anos de trajetória. Somente em 2006, o elenco do Bando já protagonizou a montagem de um texto de Shakespeare, duas produções cinematográficas, um programa de tevê e partiu em 2007 para uma investida ainda mais ousada: transformar uma das peças do repertório do Grupo em seriado a ser exibido na TV Globo por dois anos consecutivos (2007/2008). A montagem Ó Pai Ó apresentada pelo Bando em 1992 se transformou em uma série que trouxe o elenco do Bando, incluindo Lázaro Ramos, interpretando personagens típicos do Centro Histórico de Salvador. O convite partiu do diretor de núcleo da TV Globo Guel Arraes, após assistir a versão para o cinema da mesma peça, dirigida pela cineasta Monique Gardemberg.

Além das constantes invenções artísticas, o Bando promove, sistematicamente, oficinas para grupos e jovens que aspiram a mostrar sua visão de mundo através do teatro. E alguns participantes são convidados a integrar o grupo, como estagiários, fazendo parte do elenco de algumas montagens.

Por tudo isso, o Bando de Teatro Olodum se tornou um referencial para muitos jovens negros em busca da sua identidade.

Dê-se conhecimento ao governador , ao prefeito, ao secretario de Cultura do Estado da Bahia, e ao Bando de Teatro Olodum.

Sala das Sessões, 28 de abril de 2015.

MOISÉS ROCHA